

PAISAGEM SONORA: O CASO DE CONSERVATÓRIA, DISTRITO DE VALENÇA/RJ

Claudio Sebastião Barbosa Guimarães
UFRRJ
claudiow.csbg@gmail.com

RESUMO:

Conservatória, distrito de Valença, no Estado do Rio de Janeiro, manteve uma manifestação cultural muito peculiar, desvanecida ao longo do tempo por atos políticos e a ascensão do rádio e televisão, a serenata. O ato de caminhar na rua, sob o luar e as estrelas ao som de violões e uma pequena multidão apaixonada por músicas brasileiras dolentes, fazem o pequeno distrito ser conhecido como a “capital da seresta e serenata”, modificando o espaço ao seu redor. A história de Conservatória se confunde com a história da serenata, construindo uma paisagem sonora única durante os fins de semana. Este trabalho busca entender como a música influenciou a produção do espaço em Conservatória.

Palavras-chave: Paisagem, Música, Conservatória.

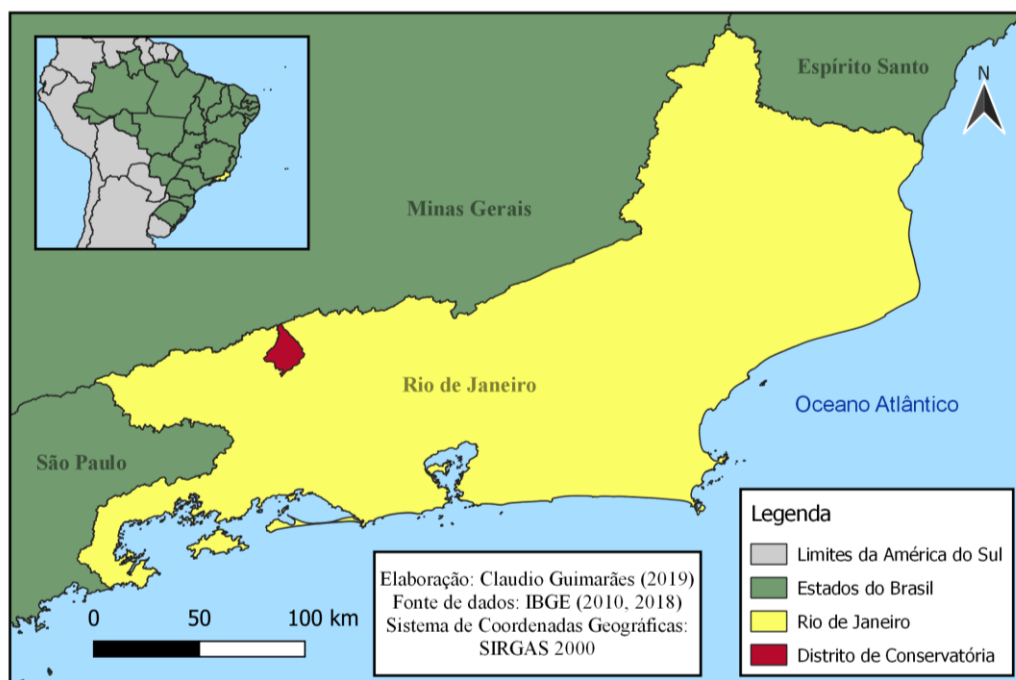
GT – 10: Práticas culturais na produção da cidade

1 INTRODUÇÃO

Com um total de 6500 habitantes e 518 metros de altitude, Conservatória (RJ) é conhecida por suas serenatas. Na segunda metade do século XIX o distrito de Valença passou por seu período mais abastado, porém, com a abolição da escravatura, a expansão das plantações de café para São Paulo e Paraná e a instalação de indústrias em Valença contribuíram segundo MAGNO (2014), com a decadência de Conservatória.

Mesmo longe dos seus períodos mais áureos, Conservatória manteve a tradição popular das serenatas. Embora a origem do movimento não seja precisa, acredita-se que o distrito manteve as serenatas e teve nos irmãos Freitas, uma “institucionalização” da serenata, começando a tocar no hoje extinto Museu da Seresta e Serenata (atualmente ocorre na Casa de Cultura), por volta das 21 horas às sextas e sábados, saindo para cantar pelas ruas da cidade as 23 horas. Somado a isso, o projeto “Conservatória, em toda casa uma canção”, que consiste na fixação de placas de alumínio nas fachadas das casas, reverenciando grandes músicas e seus compositores, influenciando os estabelecimentos locais a utilizarem nomes de músicas ou a fazer referência a música.

Figura 01: Localização do distrito de Conservatória.



Conservatória oferece aos seus visitantes além de música um encontro com o passado. Do cinema Centímetro, réplica do Cine Metro Tijuca, aos carnavais que imitam o carnaval do Rio de Janeiro da época da República Velha, a viagem no tempo vai além das “músicas antigas”. Embora a cidade não fique restrita a uma certa década ou período, é possível fazer uma generalização de que dificilmente ocorrem eventos referentes a atrações recentes ou músicas mais recentes. Quem vai à Conservatória pretende não só ouvir a serenata, mas lembrar de um tempo que não existe mais.

A ideia deste trabalho é demonstrar como a paisagem de Conservatória vai além do visual, ela também é sonora e está relacionada a memória. O retorno ao passado, está associado às serenatas e músicas que podem ser ouvidas em qualquer momento, seja por um cantor na praça ou em bares e hotéis. A atmosfera é completada pela arquitetura do casario que remete ao século XIX, época do ciclo do café. A paisagem sonora condicionou o caráter turístico e a urbe de Conservatória.

2 MÚSICA GEOGRAFIA E SUAS ABORDAGENS

A música é praticamente onipresente na vida de qualquer indivíduo. Seja o hino de um time, enredo de escola de samba ou algo enquanto espera no trânsito, a música está quase sempre presente, ela se insere no espaço de diversas formas, podendo variar de acordo com o local a ocasião. Um bar provavelmente tocará música popular brasileira (MPB), enquanto uma boate provavelmente tocará funk. Para além da vida noturna, é possível diferenciar o tipo de música que ajuda a compor a paisagem de algumas cidades, enquanto o ruído (*noisescape*) se faz presente no centro do Rio de Janeiro, as serestas ocupam o distrito de Conservatória nos finais de semana.

Alguns geógrafos já se debruçaram sobre geografia e música anteriormente, principalmente George Carney (2007) e Lily Kong (2009). Carney (2007) classifica os trabalhos desta área em 10 taxonomias gerais, sendo elas: a) delimitação de regiões musicais; b) dimensão espacial da música com relação a migração humana (transnacionalização); c) organização espacial da indústria da música; d) efeito da música na paisagem cultural; e) relação da música com outros

traços culturais em um contexto de lugar; f) música e meio ambiente; g) a função da música nacionalista e antinacionalista; h) o lugar de origem e sua difusão; i) os elementos psicológicos e simbólicos da música relevantes na modelagem do caráter de um lugar; j) evolução de um estilo ou gênero específico de um lugar. As taxonomias observadas envolvem todas as escalas da pesquisa geográfica (local, regional, nacional, global), além de compreender também a estrutura, as letras e os artistas pesquisados.

Somada a essas taxonomias, Carney (CARNEY *apud* PANITZ, 2012, p. 05) propôs cinco divisões para o tema:

- 1) percepção – imagens de lugares, senso de lugar, percepção de lugar e consciência de lugar;
- 2) núcleos culturais e difusão cultural – agentes de difusão, processos, caminhos/trilhas e barreiras;
- 3) região cultural – formal e funcional, nós e centros;
- 4) interações espaciais – migração, conectividade, rotas e redes de comunicação;
- 5) relações homem-ambiente – ecologia cultural.

A geógrafa Lily Kong (2009) defende uma melhor utilização da música popular nas análises geográficas. KONG (2009, p. 130), diz que “a cultura popular foi encarada com desdém como mero entretenimento trivial e efêmero”. A singapurense também destaca sentidos negligenciados como olfato e audição em detrimento do ver, elementos que também compõem a paisagem.

Assim como Carney, Lily Kong também fez uma breve análise crítica dos estudos conhecidos, classificando-os em cinco áreas principais: a) distribuição espacial de formas, atividades, artistas e personalidades musicais; b) exploração dos locais de origem da música e de sua difusão; c) delimitação de áreas que partilhem alguns traços musicais; d) caráter e identidade dos lugares por meio de letras, melodias e instrumentação; e) análise temática das letras; somado a esses cinco, ela aponta para a utilização da música como recurso didático.

KONG (2009, p. 138) sinaliza que perspectivas sociais e econômicas não são consideradas nas pesquisas anteriores, além de apontar outras carências, como:

- Uma delas é o não-envolvimento com os contextos sociais e políticos nos quais a música é produzida. Segundo, não é reconhecida a natureza socialmente construída da experiência de espaço e lugar, nem é assinalado o papel da música nessa construção; em vez disso, o espaço, como na corrente dos estudos de organização espacial, é aceito como

um dado. Terceiro, há pouca percepção da música como uma forma cultural que é consumida, e que no processo de consumo, passa por mais transformação. Em quarto lugar, não foi explorada por geógrafos a importância da música ao contribuir para a construção social de identidades (nacional, raça, gênero, classes...) e de espaço e lugar.

Os métodos de análise também são pensados por KONG (2009, p. 157) que observa uma certa inadequação dos métodos até então utilizados. Um dos aspectos destacados é que a análise de letras de músicas não necessariamente interpretam o que a população local acha sobre determinado lugar e sim o que o compositor ou pesquisador que se debruça sobre o tema pensa a respeito. Kong (2009) salienta que as letras podem (e devem) ser incluídas na pesquisa, porém com outros critérios qualitativos como entrevistas com os músicos locais, além de outros que ajudam a criar a paisagem, ou seja, a letra da música não necessariamente é um compromisso com o real.

2.1 PAISAGEM CULTURA E MEMÓRIA

A paisagem, na concepção que mais se aproxima do senso comum, é percebida apenas como uma imagem bonita, herança de um conceito tradicionalmente aprendido nos ensinamentos iniciais, “tudo aquilo que se pode ver”, a paisagem se reduz a um instante apenas. O termo em si, surgiu no século XV, em quadros que representassem a natureza, um enquadramento, uma observação a partir da janela (CLAVAL, 2012, p. 243). Luchiari (2001, p. 15) complementa essa informação ao dizer que “até o século XVIII, a paisagem era, portanto, sinônimo de pintura. Assim, foi na mediação com a arte que o sítio - o lugar - adquiriu estatuto de paisagem”.

Os geógrafos logo começaram a estudar a paisagem, descrevendo-a, mas o que diferencia a paisagem dos geógrafos para a paisagem dos artistas? Claval (2012, p. 247) faz essa elucidação ao dizer que “o papel do geógrafo que analisa a paisagem é multiplicar os pontos de vista, olhar o relevo de perto e de longe, desde a base das cadeias e desde seus picos, e construir, a partir daí, uma imagem sintética da região que analisa”. A geografia passa a ser conhecida como a ciência das paisagens, tendo duas correntes principais, uma mais descritiva sobre a morfologia da

paisagem e outra que unia características físicas e humanas e suas relações no território, se aproximando do conceito de região (SALGUEIRO, 2001).

Sauer (2012, p. 190), principal expoente da escola de Berkeley define a paisagem como “uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. A paisagem para Sauer é mais que uma cena, um instante, ela é única, singular, o conteúdo da paisagem é encontrado nas qualidades físicas e formas de uso úteis ao homem. Sauer ainda distingue paisagem natural de paisagem cultural, sendo a primeira aquela anterior ao homem, uma paisagem física, enquanto a paisagem cultural, deriva da paisagem natural, como explicitado por SAUER (2012, p. 210):

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente; a área natural, o meio; e a paisagem cultural, o resultado. Sob a influência de determinada cultura, ela própria mudando ao longo do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término de seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga. A paisagem natural é, evidentemente, de fundamental importância, pois fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura.

Convém nesse caso uma breve abordagem sobre a relação da paisagem com a cultura. Neste trabalho, utilizo o conceito de cultura por Paul Claval. Claval (2007), que a descreve como o conjunto dos valores, saberes e técnicas acumulados durante a vida além do conjunto dos grupos que fazem parte, sendo a cultura transmitida como uma herança. Podemos compreender a partir dessa perspectiva, que a cultura das serenatas é repassada desde o fim do século XIX, ainda que tenha se alterado um pouco com o passar do tempo.

O mais notório geógrafo brasileiro, Milton Santos também se preocupou com a paisagem, dedicando um capítulo para discussão do conceito em *Metamorfoses do Espaço Habitado*. Logo no início do capítulo cinco, em *Paisagem e Espaço*, Milton Santos (2014, p. 67, 68) diz que “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”. E prossegue dando importância a percepção (dimensão da paisagem) e que a tarefa do geógrafo é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado (SANTOS, 2014, p. 68).

Em Conservatória, essa percepção sobre a paisagem, está relacionada a memória. Andar pelas (ainda que poucas) ruas do centro de Conservatória faz lembrar, por exemplo, das músicas que sua mãe escutava de manhã aos domingos, que seu avô ouvia ao ler jornal, sempre músicas saudosas como Retalhos de Cetim de Benito Di Paula ou a volta do Boêmio de Nelson Gonçalves. Ao realizar este trabalho, em diversos momentos me deparei com cenas e reações de pessoas emocionadas por lembrarem de familiares e momentos vividos, antigos amores, eventos que podem ser relembrados em Conservatória.

2.2 PAISAGEM SONORA COMO CONCEITO GEOGRÁFICO

Outrora privilegiando a visão ao analisar a paisagem, a geografia no final do século XX passa a privilegiar outros sentidos. O geógrafo não estuda mais apenas a paisagem como realidade objetiva e preocupa-se com a maneira como a paisagem está carregada de sentido, investida em de afetividade por aqueles que vivem nela ou que a descobrem (CLAVAL, 2012, p. 264). Somado a visão, o olfato e audição integram a paisagem se tornando um pouco mais subjetiva e centrada naquele que a percebe. Augustin Berque (2012, p. 240), diz sobre a paisagem que:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também, uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem de seu ecúmeno. E assim, sucessivamente por infinitos laços de codeterminação.

Conservatória, tem em sua paisagem mais que o visual de uma cidade do interior do Rio, que já ostentou no período que os barões do café reinavam no vale do Paraíba. No distrito de Valença, a música se faz essencial, principalmente nos fins de semana, com inúmeras modinhas, serestas, serenatas e chorinhos. Sendo impossível dissociar a paisagem de Conservatória de suas músicas, sempre românticas e “antigas”.

No centro de uma capital agitada é impossível perceber a paisagem sonora, devido ao excesso de ruídos, buzinas, entre outros. A paisagem sonora de Conservatória representa uma cultura muito específica para seus habitantes e para quem a visita, a perpetuação das serenatas sempre às sextas e sábados, às 23 horas. Ademais, os irmãos José Borges e Joubert, dois dos

principais serenateiros da cidade idealizaram o projeto “Conservatória, em toda casa uma canção”, que fixou placas de aço (medindo 25cm x 7cm), com nomes de grandes músicas e compositores da música brasileira nas fachadas dos imóveis, para que eles possam ser imortalizados e suas canções sempre lembradas. A música retrata a cultura e a memória de um povo. é uma coleção de sons concebidos e produzidos por sucessivas operações de pessoas que ouvem bem, que quando executada, integra-se à paisagem sonora tornando-se um de seus elementos. (TORRES, 2009, p. 52).

O projeto Conservatória, em toda casa uma canção, ainda que não fosse a intenção dos irmãos Freitas a época, são uma forma de perpetuar a cultura dominante da serenata e das músicas românticas brasileiras. Ainda que os símbolos existentes em Conservatória não sejam tão marcantes na paisagem, eles estão sempre presentes. Para qualquer lugar que você olhe em Conservatória, sejam placas nas casas, o nome dos locais, ou estabelecimentos comerciais, todos remetem a música de uma forma geral (Drogaria Melodia, Pousada Sol Maior, Pousada A Violeira, Pousada Chão de Estrelas, entre outros). Todas as paisagens são simbólicas (RAPOPORT apud COSGROVE, 2012, p. 230).

Figura 02: Estabelecimentos que remetem a música.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O que cada placa representa é bastante subjetivo, sendo difícil precisar a intenção. Por estar completamente associado a memória/afetividade, seria preciso recorrer a cada família para entender a escolha daquela placa. Para aqueles que visitam o distrito, as placas também podem trazer lembranças e significados, mas diferentes dos donos da casa e da placa.

A paisagem de um lugar representa a cultura que nele há (TORRES, 2009, p. 37). A serenata ajudou a moldar Conservatória, fazendo a cidade se adaptar a sua cultura musical, da toponímia ao horário de funcionamento de certos estabelecimentos. Pós serenata as lojas costumam fechar e durante o horário da serenata a maioria dos bares interrompe seus shows. Não respeitar o horário gera até um certo conflito com os serenateiros e defensores do movimento. Em conversa com Maria do Carmo, moradora de 79 anos, adepta do movimento serenateiro, viúva de um serenateiro, ela nos conta que existem desavenças no espaço, principalmente por causa dos sons. É preciso lembrar que a serenata, é formada geralmente por três ou quatro pessoas (geralmente idosos) no violão enquanto o público acompanha as músicas no vocal, sem microfones, com violões acústicos. É praticamente impossível competir com caixas de som de bares, carros e motocicletas, é preciso preservar não só o movimento serenateiro e a arquitetura local, mas também a paisagem sonora que vem constantemente sendo prejudicada. Torres (2009, p. 42) mais uma vez contribui ao dizer que:

As paisagens sonoras concedem identidades aos lugares, e agem direta e constantemente em seus moradores na contribuição à perpetuação das falas e sotaques, dos gostos musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem.

Embora haja transtornos ao interromper o movimento de algumas ruas, é preciso que os moradores e turistas entendam a importância de preservar a paisagem sonora. O conjugar e intercalar de diferentes paisagens sonoras marcam o pulsar da cidade (CASALEIRO e QUINTELA, 2008, p. 08). Manter o silêncio (obviamente respeitando os movimentos musicais tradicionais do distrito) é fundamental para sustentar o aspecto interiorano.

Casaleiro e Quintela (2008) também salientam como as paisagens sonoras sublinham diferentes modos de apropriação e fruição dos espaços, indicando fronteiras simbólicas. Se no caso

de Coimbra, estudado pela dupla portuguesa é possível diferenciar a paisagem sonora da alta e baixa Coimbra, em Conservatória é possível distinguir uma área mais voltada para os turistas onde dificilmente as músicas “se afastam” da MPB, enquanto que a partir da praça Catarina Quaglia Marcondes é possível ouvir música eletrônica, pagode e forró, sendo frequentada majoritariamente por moradores locais, como descrito por Maria Alvarina, moradora local engajada no movimento e dona do ateliê Conservatória na Arte do fogo, “Nessa singela praça, mais conhecida como “Pracinha de Baixo”, é que os jovens se encontram, marcam o ponto e tornam o local mais festivo e barulhento, [...]” (ANDRADE, 2001, p. 62).

A paisagem sonora, termo traduzido do inglês (*soundscape*), foi criada pelo músico canadense Raymond Murray Schafer. O autor em *A afinação do mundo* (2001, p. 22), diz que “a paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico [...] Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar as características de uma determinada paisagem”. Schafer prossegue distinguindo as diferenças entre uma câmera e um microfone para registrar a paisagem, enquanto a câmera captura o instante de quando a foto foi registrada, o microfone capta apenas o que está “próximo”, segundo Schafer (2001, p. 22), “semelhante à de um close, mas nada que corresponda a uma fotografia aérea”.

Schafer indica ainda outras formas de analisar a paisagem sonora. “O que o analista da paisagem sonora precisa fazer, em primeiro lugar, é descobrir os seus aspectos significativos, aqueles sons que são importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância” (SCHAFER, 2001, p. 25). Somado a isso, ele concebe uma classificação para auxiliar a decifrar a paisagem sonora, dividindo a em sons fundamentais, sinais e marcas sonoras. Nas palavras do autor (2001, p. 26), o primeiro, são aqueles criados por sua “geografia e clima: água, vento, planícies, pássaros, insetos e animais”. Os sinais sonoros são sinais notáveis e podem ser transformados em códigos pela sociedade, como a sirene de uma ambulância, ao escutar a sirene os carros a frente da ambulância tentam desobstruir a via o máximo possível, pois é uma regra condicionada a um sinal. O marco sonoro (derivado de *landmark*), “se refere a um som da

comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar” (SCHAFER, 2001, p. 27).

Em Conservatória, existe um marco sonoro efêmero, que compõem a paisagem sonora local, que mesmo tendo esse caráter específico transformou o distrito e o tornou conhecido em todo o Brasil, não obstante sendo chamado de Capital da Seresta. Com a criação de símbolos na cidade, como o projeto Conservatória, em toda casa uma canção, Museu da Seresta e Serenata, entre outros, o local se tornou uma espécie de “parque temático” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014). O movimento serenateiro acontece há quase um século de forma espontânea e amadora, sem fins lucrativos, embora hotéis, restaurantes e o comércio local se favoreçam dele.

3 PAISAGEM SONORA DE CONSERVATÓRIA

Antes de se aprofundar em mais detalhes sobre a paisagem sonora de Conservatória é preciso contextualizar o distrito. De sua fundação, opulência, a crise e renovação da cidade pela música, o charmoso distrito, chamado de “pedacinho do céu”, possui essas características não apenas pela sua música, mas como pelos indivíduos que habitam a mesma. O que se busca aqui, é como descrito por TORRES (2018, p. 150, 151)

No estudo geográfico da música, é importante contemplar sua localização, a cultura, as influências da paisagem local, as influências sonoro-musicais do passado local, e as influências sonoro-musicais externas, o que pode auxiliar na compreensão do lugar simbólico da música na sociedade, bem como os simbolismos empregados na música.

3.1 NOITE CHEIA DE ESTRELAS

As serenatas têm início na travessa Geralda Fonseca, em frente à estátua de José Borges, próximo ao restaurante Dó-Ré-Mi. Embora tenham um repertório variado, possuem um ritual de início padrão, feito em todas as serenatas. Marluce Magno (2014, p. 28) mais uma vez nos auxilia com a descrição do ritual:

É parte do ritual de abertura uma breve explicação sobre a diferença de seresta e serenata, logo seguida das canções de Cândido das Neves: Noite Cheia de Estrelas e Última Estrofe. Outra breve exposição precede à canção Cavalgada, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, que é seguida por uma parada na qual os seresteiros falam sobre Conservatória e sobre os

Irmãos Freitas. A caminhada se reinicia com uma canção de autoria de José Borges, alternando entre Rua das Flores ou Balé dos Vagalumes. Todas essas canções são precedidas de declamações.

Os moradores do centro às vezes participam encenando como seria a serenata de décadas atrás, piscando as luzes da casa mantendo as janelas fechadas. Em um dos trabalhos de campo realizados no local, a moradora Maria do Carmo, participante do movimento mesmo com idade avançada, piscou as luzes e ao som de “Como é grande o meu amor por você” de Roberto Carlos, durante a música abriu as janelas e participou do cântico, para a surpresa dos que acompanhavam a serenata. Ao término da música, Maria do Carmo explicou que as mulheres antigamente não podiam participar da serenata, e por isso piscavam as luzes do quarto, para demonstrar que estavam gostando da cantoria, com o passar do tempo a mulher não só abria as janelas, como também “pulou a janela” para participar do cortejo musical. O relato provocou aplausos e risos dos turistas que escutavam a história.

Com a criação do Museu e com o início do projeto Conservatória, em toda casa uma canção na década de 1960, o distrito começa a adquirir cada vez mais uma nova identidade, as ruas de fato tornaram-se sonoras. Analisando a história do distrito, é possível constatar que nos anos 1970 foram abertos os primeiros restaurantes, pousadas e hotéis-fazenda, formando as bases da infraestrutura turística atual (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014, p. 207). Sendo a concentração de bares, lojas e hotéis no centro, um conjunto de duas ruas e algumas travessas. Foram criados também os museus Vicente Celestino, Sílvio Caldas, Guilherme de Brito, Gilberto Alves e Nelson Gonçalves, Instituto Waldir Azevedo e mais recentemente o Teatro Sonora, capitaneado pela artista Juliana Maia. Somado a isso, para entreter os turistas na parte da manhã, é realizada a desde 2001 a solarata nas manhãs de domingo e o chorinho sábados de manhã na praça Getúlio Vargas.

Antes da serenata começar às 23 horas, acontecia uma preparação, em forma de seresta no Museu da Seresta e Serenata, tradição iniciada na década de 1960. O museu (às vezes chamado de casa de lembranças), localizado próximo da travessa Geralda Fonseca, era a casa de José Borges, onde todos os amigos, espectadores e engajados no movimento serenateiro se reuniam para cantar, declamar poemas, falar sobre composições e artistas. “O nome “museu” teria começado com uma

brincadeira, como contou Adilon Alves Raposo. Era a forma carinhosa como os filhos e sobrinhos dos “coroas”, que ali se reuniam, chamavam a casa, numa referência a faixa etária de seus frequentadores” (MAGNO, 2014, p. 37). Infelizmente para moradores, seresteiros e turistas o museu foi extinto, os encontros pré-serenata acontecem na casa de cultura.

Conservatória possui uma característica importante dentro de seu movimento, grande parte de seus membros não moram em Conservatória e alguns dos que moram atualmente não são oriundos do pequeno distrito. Essa falta de engajamento dos moradores incomoda alguns dos membros das serenatas, pois o movimento não é benéfico apenas para os turistas, é essencial para a sobrevivência da cidade. Edgard Vilela, atual “líder” do movimento, realizando o papel de menestrel durante a maioria das serenatas, participa do movimento há 39 anos, sendo frequentador da capital da seresta e serenata desde os cinco anos de idade aos fins de semanas ou durante as férias, uma das causas da não permanência na cidade é a falta de oportunidades, fazendo com que muitos dos que retornam para residir no distrito o fazem pós aposentadoria, caso do menestrel citado, outros utilizam como “casas de veraneio”, porém, a alta temporada de Conservatória ocorre entre o outono e o inverno, são seresteiros (ou apenas turistas) que só vão para o distrito nos fins de semana, respeitando o ciclo da cidade, que é transformado de quinta a domingo, de uma cidade pacata do interior, para uma cidade que transborda música.

A importância da serenata para Conservatória é indiscutível, porém, dentro do próprio núcleo dos seresteiros, alguns apontam uma possível crise no movimento. Essa crise pode ser entendida como falta de cantores e de violonistas, adaptabilidade e a não renovação do movimento. A ausência de violões e menestréis engendra uma certa polêmica no que se refere a profissionalização dos músicos presentes. Enquanto alguns acreditam que a profissionalização/patrocínio seja a solução para uma serenata mais “encorpada”, com mais violões, outros acreditam que isso seria o fim do movimento, afinal “quem paga a banda escolhe a música”, Muitos se perguntam se os hotéis pagarem os músicos e ajudarem no movimento, o cortejo terá que passar em frente ao hotel? Terão os músicos que cantar a música eternizada na plaquinha de determinado estabelecimento? As músicas seguirão o roteiro básico? A duração será

cronometrada? Quem irá designar o caminho? São essas algumas das questões que permeiam o imaginário daqueles que são contra essa profissionalização. Por outro lado, nem todos conseguem viver do que Conservatória oferece, nem sempre tendo condições para retornar e participar mais ativamente da principal atividade cultural, um “mecenas” poderia facilitar o acesso ao distrito, que não oferece muitas oportunidades de emprego. A ideia de participar do movimento serenateiro por amor é ótima, mas quem consegue viver apenas de amor?

4. ENQUANTO HOVER SAUDADE: PARA CONCLUIR

A paisagem sonora de Conservatória, suas serenatas, choros e poesias confundem a história e o espaço conservatoriense. Encontrar um movimento único como a serenata, no século XXI, no interior do estado do Rio de Janeiro representa para muitos realmente encontrar um pedaço do céu, que faz pessoas percorrem muitos quilômetros para resgatar outros momentos, por acreditar em um ideal implementado por dois irmãos na década de 1960 e que talvez esteja por encerrar seu ciclo. A serenata cada vez mais passa a ser um movimento de resistência. No documentário Conservatória – Eterna Serenata (2007), Joubert diz que só cantam músicas brasileiras para evitar a invasão cultural. Essa “invasão”, aliada a outros fatores como o rádio e a televisão, foi a responsável por cessar com a prática da serenata em quase todo o país, como salientado por TINHORÃO (2005), porém pelo esforço de muitos músicos ao longo de tanto tempo, o movimento continua existindo em Conservatória.

Se não bastasse a singularidade do marco sonoro, ele se torna ainda mais singular por existir sem qualquer ajuda financeira ou política. Todos que cantam, vão por amor, por um idealismo que chega a ser surreal, pessoas que dedicam seus fins de semana apenas por gostar daquilo que fazem, cantar com amigos, alegrando as noites daqueles que os visitam, prestando homenagens a grandes compositores da música nacional, afinal, nas placas os reverenciados não são os intérpretes e sim os autores, amenizando uma injustiça que é feita com aquele que escreve a canção e muitas vezes não é reconhecido.

É inegável o quanto a música fez por Conservatória, tirando a alcunha de “cidade dos mortos vivos”. A música é muito mais que uma atração turística, ela está presente na paisagem, na memória, a qualquer lugar que se olhe, caso não escute nenhuma música, provavelmente alguma música irá surgir no imaginário devido a tantas referências. Como não passar pela pousada Chão de Estrelas e pensar “Minha vida era um palco iluminado...” ou ver um pôster do tributo a Elis Regina no Teatro Sonora e sair cantarolando alguma canção. Para ter um contraponto e pensar o distrito sem música (ou mais pacato) basta fazer uma visita entre segunda a quinta, quando sobram vagas nas ruas principais, grande parte do comércio está fechado (com exceção do básico, como farmácia e padaria), pouquíssimas pessoas transitam pelo local, se torna o que deveria ser sem a serenata, apenas um vilarejo do interior. A paisagem sonora de Conservatória é efêmera não só porque a serenata ocorre a noite, mas todo o funcionamento da capital da seresta e serenata é efêmero, de sexta a domingo o local é tomado pelo cancionista popular.

Enquanto houver saudade, canção de Custódio Mesquita e Mário Lago representam muito bem Conservatória, pois enquanto houver saudade, alguém sempre estará pensando em Conservatória, cidade que tenta preservar o que de mais romântico e dolente existe da música brasileira. Sempre que existir uma voz e um violão em Conservatória, a serenata permanecerá viva. Encerro este texto citando a declamação que ocorre ao fim de todas as serenatas.

Em Conservatória o dia começa bem cedo, com o cantar dos galos. Como disse o poeta, o canto dos galos tece a madrugada. Depois, esse ritmo, essa unidade... Som de órgãos traça círculos em volta: são os sinos da igreja matriz tocando. Mas quando o dia adormece, e a noite desabrocha num exagero de estrelas, violões choram para a lua, recordando os tempos e os amores. E até o apagar das luzes, para o embalo das ilusões que não morrem, o canto triste, muito triste, dos violões...

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. A. T. **Conservatória na arte do fogo**. Coopergraf-K - Cooperativa de Profissionais gráficos e editora Ltda. 2001.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural** [livro eletrônico]: uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CASALEIRO, P. QUINTELA, P. As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta. In: VI Congresso português de sociologia; Mundos sociais: saberes e práticas. Actas ... Universidade Nova de Lisboa. 25 a 28 de Junho de 2008. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1088106/As_paisagens_sonoras_dos_Centros_Hist%C3%B3ricos_de_Coimbra_e_do_Porto_um_exerc%C3%ADcio_de_escuta>. Acesso em 14 de junho de 2019.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural** [livro eletrônico]: uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2007.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte; Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural** [livro eletrônico]: uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

HERSCHMANN, M.; FERNANDES, C. S. **Música nas ruas do Rio de Janeiro** [recurso eletrônico]. São Paulo: Intercom, 2014.

KONG, L. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009

LUCHIARI, M. T. D. P.. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001. 228p. (Geografia cultural ; 8).

MAGNO, Marluce. **Serenatas de Conservatória, um patrimônio cultural**. Valença: Edição do Autor, 2014. Disponível em: <<http://www.elivros-gratis.net/livros-gratis-arte.asp>>. Acesso em: 14 de junho de. 2019

PANITZ, L. M. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Biblio 3W**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 30 de maio de 2012, Vol. XVII, nº 978. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-978.htm>>. Acesso em 14 de junho de 2019.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e geografia. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620>>. Acesso em 26 de Abril de 2019.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. -. São Paulo: EDUSP, 2014.



SCHAFFER, R. M. **A afinação do mundo:** Uma exploração pioneira pela história e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo. Editora UNESP, 2001. ISBN: 85.7139.353-2.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural** [livro eletrônico]: uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

TORRES, M. A. **A paisagem sonora da Ilha dos Valadares:** Percepção e memória na construção do espaço. Dissertação de Mestrado. 2009.

TORRES, M. A. Os sons da paisagem: Entre conceitos, contextos e composições. **Geograficidade**, v.8, Número Especial, Primavera 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13165>>. Acesso em: 06 de maio de 2019.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons que vem da rua.** São Paulo, Editora 34, 2005.